

## **GRUPOS COM ADOLESCENTES VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL E A ESCUTA DO TRAUMÁTICO**

Daiana Cristina Sebenello ; Rita Petrarca; Dirceu Minella;  
Kelly Gimenez; Sheila Mara Vilanova

Unidade Central de Educação FAI Faculdades –UCEFF/ Chapecó, SC, Brasil

### Resumo

Este artigo apresenta um mapeamento realizado por meio de uma pesquisa qualitativa e exploratória acerca dos grupos psicossociais com adolescentes vítimas de violência sexual à luz da teoria psicanalítica. A partir da pesquisa de revisão de literatura, tendo como base como importantes teóricos da Psicanálise, como Freud, Ferenczi e Bion compreendem o trauma e o trabalho com grupos. O estudo teve como objetivo avaliar as principais características deste período do desenvolvimento e refletir sobre o processo de vinculação dos adolescentes no processo grupal. Este trabalho possibilitou a construção de reflexões sobre prática cotidiana de trabalho da pesquisadora na Política de Assistência Social ampliando as discussões sobre a importância do trabalho com grupos no contexto da adolescência.

### Abstract

This article presents a mapping from an exploratory research on groups with adolescent victims of sexual violence in the light of psychoanalytic theory. From the research in the literature, it approaches how important psychoanalysis theorists, such as Freud, Ferenczi, Bion, understand trauma and work with groups. The study aims to evaluate the main characteristics of this period of development and reflect on the process of bonding adolescents in the group process. This work enabled the construction of reflections on their daily practice of work in the Social Assistance Policy, expanding the discussions on the importance of working with groups in the context of adolescence.

A partir da experiência prática da pesquisadora no atendimento com adolescentes vítimas de violência sexual surgiu o interesse em aprofundar os estudos sobre o tema e ampliar a discussão a partir de alguns referenciais da psicanálise acerca do trabalho com grupos de adolescentes. O acompanhamento de situações de violência através de grupos são práticas cotidianas dentro dos Centros de Referência em Assistência Social (CREAS), unidades estatais especializadas no atendimento a situações de violência que perpassam as relações familiares e sociais. Conforme as orientações técnicas do serviço, a atenção especializada ofertada tem como objetivo a prevenção dos agravos das situações atendidas, na perspectiva de redução de danos dos efeitos e consequências das violações de direitos vivenciadas por indivíduos e famílias (BRASIL, 2011).

Este estudo busca discorrer sobre o trabalho com grupos com adolescentes vítimas de abuso sexual a partir de alguns conceitos psicanalíticos. Para isso realizou-se um mapeamento através de uma pesquisa qualitativa e exploratória por meio de revisão de literatura tendo como base estudos clássicos e artigos científicos que

descrevem o trabalho com grupos de adolescentes e a utilização desta metodologia de trabalho nesta fase do desenvolvimento. Se propõe ainda a discutir o conceito de trauma e seus impactos no psiquismo. O método de pesquisa utilizado para a construção deste estudo foi a revisão narrativa que, não utiliza critérios explícitos e sistemáticos e segundo Rother (2007) constituem na análise da literatura baseada na avaliação crítica pessoal do autor.

Cabe iniciar esse estudo, apontando que o termo adolescência é amplamente discutido por diferentes autores e ganha maior importância a partir da "Doutrina da Proteção Integral", quando crianças e adolescentes passam a ser sujeitos de direitos com garantias a sua saúde, educação, lazer, sendo a proteção destes um dever de todos, família, sociedade e Estado (CONTINI, 2002).

Até o século XVIII o critério para indicar o fim da infância era o término da condição de dependência em relação aos pais ou responsáveis. Para Santos (2007), a adolescência é uma categoria recente, algo da Pós-Modernidade, apesar da ideia de existir uma fase da vida diferente da infância e da idade adulta já ser observada na antiguidade. Mas é com o ápice do desenvolvimento capitalista, num novo contexto social, depois da organização dos movimentos populares trabalhistas por melhores condições de trabalho, contra a exploração, inclusive do trabalho das crianças e adolescentes, que os mesmos passaram a ser vistos como seres em desenvolvimento, que deviam ter oportunidades de estudo e preparação ao mundo do trabalho.

Segundo Aguiar (2007) foi no começo do século XX que o termo surgiu na Psicologia para designar as pessoas de determinada faixa etária, que eram consideradas problemáticas a partir de suas experiências nas fábricas, nos colégios e no exército, instituições onde apareciam as expressões dos jovens na cena social daquela época. Outeiral (2003) destaca que a infância é uma invenção da modernidade, tendo cerca de 200 a 150 anos, e a adolescência se desenvolve ainda mais recentemente entre o fim da Primeira Guerra Mundial e início da Segunda Guerra Mundial, sendo que, até então se passava da infância para a idade adulta em um curto espaço de tempo após rituais de iniciação.

A Psicanálise contribuiu muito para a construção das teorias referente a adolescência, fase do desenvolvimento que compreendida como um conjunto de fenômenos que antecedem a fase adulta, entendendo a adolescência como um momento crucial do desenvolvimento do indivíduo, aquele que marca não só a aquisição da imagem corporal definitiva como também a estruturação final da

personalidade. Para Osório (1989), a adolescência é uma etapa evolutiva peculiar ao ser humano onde culmina todo o processo maturativo biopsicossocial do indivíduo.

O trabalho da adolescência, para Alberti (2004) diz respeito à elaboração do binômio alienação-separação frente ao Outro, que coincide com a elaboração da falta no Outro, ou seja, da condição de separação inevitável à subjetivação humana. Marcos e Lemgruber (2017) refletem sobre essa fase do desenvolvimento a partir do pensamento winnicottiano e apontam esse período como um importante processo de adaptação a realidade e de luta para ser alguém e definir seu espaço dentro de um grupo, através de um ambiente firme, seguro e suficientemente bom.

Para esses autores, a adolescência é um momento de verificação da resolução do Édipo, pois ainda existem questões não resolvidas após a sua dissolução na infância; e nesta época com maior maturidade biológica, alguns aspectos subjetivos que não puderam ser ligados ou não tiveram significação retornam e a estrutura psíquica deve se abrir para o novo. “Não é a vivência psíquica que é remodelada, mas sim, o que dela não se conquistou representação, e pendura como algo que não pode ser ligado” (MATOS; LEMGRUBER, 2017, p. 127).

Nesta fase, as angústias serão enfrentadas por mecanismos maníacos de intelectualizações e acting, que segundo Furtado e Marques (2009) colocam o corpo e o ato como vias de comunicação, pois na compreensão destes o adolescente possui uma estrutura psíquica pouco desenvolvida para lidar com todas essas angústias. Desta forma o acompanhamento de adolescentes exige do ponto de vista técnico que o terapeuta tenha empatia e seja continente e que com suas intervenções verbais e não verbais contribua com a significação de emoções ainda não pensadas.

Para refletir sobre o trabalho com adolescentes que vivenciaram uma violência como o abuso sexual, precisamos situar o que se entende na literatura por abuso sexual e os impactos deste na formação do psiquismo. Silva e Teixeira (2017) baseados na literatura especializada, definem o abuso sexual como todo e qualquer ato ou jogo sexual - relação heterossexual ou homossexual - com ou sem contato físico, com intenção de estimular sexualmente a criança ou o adolescente visando à satisfação sexual de um sujeito em estágio mais adiantado de desenvolvimento psicosexual.

Estima-se que 1 em cada 3 a 4 meninas e 1 em cada 7 a 8 meninos serão sexualmente agredidos até os 18 anos, podendo haver uma subnotificação destes

números visto a dificuldade das vítimas de denunciar o abuso e o não reconhecimento de muitos casos (BASSOLS; BERGMANN; FALCETO; MARDINI, 2011). Essa taxa de subnotificação, segundo estes autores, pode ser alta considerando o fato de o abuso sexual ser a forma de violência contra criança menos relatada e diagnosticada.

Dados do município de Chapecó, extraídos do Plano Decenal dos Direitos das Crianças e Adolescentes (Conselho Municipal dos direitos das crianças e adolescentes, 2017), apontam que a população de crianças e adolescentes do município é atualmente de 57.850, sendo 29.164 meninos e 28.686 meninas. Considerando os dados expostos pelos pesquisadores citados anteriormente, podemos estimar que no município aproximadamente 3.645 meninos e 7.171 meninas podem vivenciar uma situação de agressão ou violência sexual.

Conforme dados da ABRAPIA (WAISELFISZ, 2015), em relação ao atendimento por violências no SUS (Sistema Único de Saúde) em um comparativo por idades, dos 0 aos 17 anos, a violência sexual apresenta menores números em crianças menores, aumentando e caindo rapidamente nas proximidades desses extremos.

A partir dos 3 anos de idade, quando a violência sexual atinge 28,0% dos atendimentos, a incidência continua a aumentar lentamente até os 13 anos, que se converte na idade de maior risco de violência sexual, com 34,2% dos atendimentos. A partir dessa idade, a participação cai rapidamente e, aos 17 anos, representa só 8,7% das consultas (WAISELFISZ, 2015, p. 122).

Estes dados corroboram com a experiência prática da pesquisadora que acompanha em seu cotidiano o grande número de denúncias e notificações de violências nessa faixa etária, que muitas vezes tiveram início na infância e que somente na adolescência são percebidas como situações abusivas e/ou relatadas pelas vítimas. Desta forma, este estudo busca trazer reflexões sobre o abuso sexual e as possibilidades de escuta de adolescentes em grupos a partir do referencial psicanalítico.

#### A vivência do abuso sexual como traumático

Adentrando o conceito de trauma, a partir de uma ideia econômica atribuída por Freud, Laplanche e Pontalis (2001, p. 522), conceituam o trauma como um “afluxo de excitações que é excessivo em relação a tolerância do sujeito e a sua capacidade de dominar e elaborar psiquicamente estas excitações”. O trauma para os autores é um acontecimento intenso, onde o sujeito se encontra incapaz de reagir a ele de forma

adequada, que provoca na organização psíquica transtornos e efeitos patogênicos duradouros (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001).

Para Maldonado e Cardoso (2009) o traumático é entendido como excesso pulsional, situado além da capacidade de representação psíquica, um vivido que ultrapassa a capacidade psíquica de apropriação e de recalçamento. Neste sentido, esses autores apontam a estreita relação estabelecida por Freud entre o traumático e o indizível. “As marcas deixadas por um evento traumático vêm instalar um presente contínuo, não se inscrevem como passado, porque não podem ser esquecidas – em função do seu retorno sob a forma de repetição dolorosa” (p. 49).

Ferenzi (1992) em seu texto *Confusão de Língua entre os adultos e a criança*, aborda essa situação traumática e a possível repetição desta no acompanhamento analítico na transferência com a dificuldade da confiança nos adultos. Conforme Ferenzi (1992, p. 101) se a benevolência materna do terapeuta vier a faltar, “[...] a criança vê-se sozinha e abandonada na mais profunda aflição, isto é, justamente na mesma situação insuportável que, num certo momento, a conduziu a clivagem psíquica e, finalmente, a doença”.

Neste texto Ferenzi (1992) se refere ao amor infantil pelo adulto calcado na linguagem da ternura e do afeto, porém quando o adulto confunde a linguagem da criança como se fosse o desejo de um adulto com maturidade sexual, ocorrem situações abusivas. Como nos explicam Silva e Teixeira (2017) a criança é sexualizada, porém sua sexualidade está no campo pré-genital e opera na linguagem lúdica da ternura, que é imaginativa e onipotente. É esta linguagem infantil que permite o desenvolvimento da capacidade de desejar e a criação de sentidos para o viver. Ferenzi (1992) considera o abuso sexual o primeiro tempo do trauma, e o segundo tempo se trataria do desmentido do adulto, aquele em quem a criança confia e recorre buscando o amparo e sentido para a vivência, mas não encontra, pois o adulto nega o fato ocorrido ou é indiferente ao sofrimento da criança. Assim ela experimenta o desamparo e a solidão e a confiança em si e no mundo fica abalada. “Com efeito, a solução psíquica encontrada e a introjeção do agressor com seu sentimento de culpa, originando uma clivagem da personalidade ou cisão, cujo objetivo é proteger se” (SILVA; TEIXEIRA, 2017, p. 95).

Quando ocorre uma violência ou abuso, a criança, pode se identificar com o agressor, introjetando-o e este deixa de ser alguém externo e passa a fazer parte do seu aparelho intrapsíquico, provocando uma identificação ansiosa com o adulto e a introjeção do sentimento de culpa, sentindo assim uma enorme confusão; nas

palavras de Ferenczi (1992, p. 102): “a bem dizer, já está dividida, ao mesmo tempo inocente e culpada, e sua confiança no testemunho de seus próprios sentidos está desfeita”. Nestas situações o ego não dispõe de meios para se defender, sendo possível somente uma mudança interna (autoplástica).

Outro caminho da clivagem do psiquismo descrito por Silva e Teixeira (2017) a partir de Ferenczi é a progressão traumática ou prematuração, onde a criança ou adolescente que sofreu o trauma passa a manifestar as emoções de um adulto maduro de forma prematura, comprometendo a capacidade de se afetar pelo outro, de expressar amor e ódio.

Assim, nesta concepção de Ferenczi, analisada por Silva e Teixeira (2017) não somente o evento traumático constitui o trauma psíquico, mas a forma como os adultos lidam com este, sendo a incapacidade da família de cuidar e se adequar às necessidades infantis traumatizam e geram dependência e desconfiança.

De forma complementar e com o intuito de ampliar e trazer à tona a complexidade e a importância da escuta do trauma, pontuamos o que Maldonado e Cardoso (2009) descrevem que um dos efeitos do traumático no psiquismo é a destruição de conjuntos antes agregados e vinculados por associações, não destruindo os conteúdos em si, mas os elos de ligação entre eles. Para estes autores, quando o aparelho psíquico é atingido por quantidades excessivas de energia, são acionadas defesas muito arcaicas, defesas que estariam aquém de qualquer possibilidade de recalçamento, não podendo ser recordadas somente repetidas.

O que se visualizamos no atendimento com adolescentes vítimas de abuso sexual são situações que ilustram o exposto pelos autores citados, como o envolvimento em relacionamentos violentos e agressivos, o abuso de substâncias, autolesões e em casos mais extremos a exploração sexual e tentativas de suicídio. Oferecer acolhimento e possibilidades para as adolescentes romperem com esses encadeamentos de sucessivas repetições em relação ao trauma da violência vivida se constitui como um desafio aos profissionais que atuam neste contexto.

A atuação do psicólogo no serviço de assistência de referência no atendimento a vítimas de violência pressupõe esse olhar ampliado não somente para o fato em si que originou o encaminhamento, mas especialmente as implicações deste para o sujeito. Na compreensão freudiana, apresentada por Maldonado e Cardoso (2009) a importância da “verdade histórica” é substituída pela importância da verdade narrativa.



Tratar-se-ia de uma realidade encoberta (Duparc, 2001-2002), sujeita a reconstrução, remodelação, de acordo com a história de vida de cada sujeito, promovendo diferentes modos de resolução do traumático. Isto nos permite afirmar que, de acordo com a teoria freudiana da memória, “a verdade” não estaria oculta à espera de ser encontrada, mas estaria sempre enlaçada no relato que dela se faz. Melhor dizendo, numa análise, nunca entramos em contato com o acontecimento original, mas sim com a descrição que o paciente faz dele [...] (MALDONADO; CARDOSO, 2009, p.51).

Estes autores apontam como é importante para aquele que experimentou uma situação traumática poder relatar ao outro a sua história, endereçar um testemunho à escuta de alguém que possa, com essa atitude, vir a promover a abertura de uma possibilidade de representação do “inominável”.

Grupos de escuta com adolescentes como um caminho para a escuta do trauma

Os grupos são importantes ferramentas de trabalho clínico e têm sido estudados e descritos por diferentes autores. Bion é um destes autores que em seus estudos, realizados no período da Segunda Guerra Mundial e do pós-guerra, aprofundou o trabalho com grupos sendo pioneiro na criação de concepções originais sobre a dinâmica dos grupos. Zimerman (2004) baseando-se na teoria de Bion, fala da sua experiência no trabalho com grupos, e da compreensão do campo grupal como um caleidoscópio do qual emerge uma gama complexa e variada de pressupostos inconscientes.

Para este autor no grupo ocorre um interjogo especular das identificações projetivas e introjetivas de uns com os outros, de um modo similar a uma galeria de espelhos, o que permite que cada um se reflita no outro, reconhecendo e sendo reconhecido pelos demais (ZIMERMAN, 2004). Estas conceituações são de suma importância para compreensão do processo de espelhamento que ocorre no trabalho com grupos de adolescentes. A revelação de uma situação de abuso diante de um terapeuta adulto que em geral não vivenciou algo semelhante, por si só não é uma tarefa fácil para o adolescente. Nos atendimentos individuais se observa essa dificuldade a partir de falas como “não quero tocar nesse assunto”, sendo que o grupo através desse interjogo de reconhecimentos facilita o processo de expressão.

Moretto (2012), a partir dos estudos de Kaës aponta que esse acolhimento grupal se deve ao fato do grupo se constituir em um espaço para a manifestação de desejos reprimidos como a representação de um corpo, que para o autor é o corpo materno. Assim, este autor nos apresenta a ideia de que as pessoas buscam o grupo para se sentirem amadas, buscando uma unidade perdida no nascimento, onde possuíam todo o conforto e

proteção, “as pessoas fazem uma busca do objeto perdido na infância através do objeto grupo” (MORETTO, 2012, p. 15).

A tendência grupal dos adolescentes decorre do fato destes necessitarem de novas identificações, podendo ser encontradas nos grupos que ocupam o lugar dos pais antes idealizados. Moretto (2012) considera o enfoque grupal como um valioso dispositivo terapêutico, em especial nesta faixa etária, pois este facilita a compreensão, expressão e resolução de conflitos dentro e através de seu grupo de iguais, correspondendo à inclinação grupal dos adolescentes.

A partir das contribuições de Winnicott, Moretto (2012) avalia que o grupo serve como um objeto transicional, pois se constitui como um espaço intermediário para a construção da identidade. Desta forma o grupo funciona como um espelho, onde o adolescente se vê refletido no outro com suas dificuldades e conflitos, expressando suas inseguranças, testando novos papéis, elaborando lutos e formando sua identidade.

Da mesma forma, para Castellar (1987), a terapia de grupo é a modalidade que mais se adequa à fase da adolescência. Os motivos que justificam essa pontuação seriam: (a) o interesse próprio da fase pelo agrupamento, que naturalmente ocorre neste período como necessidade de sentirem-se menos expostos a críticas e a necessidade de discriminarem-se dos adultos; (b) possuem maior confiança na opinião dos seus pares; (c) a convivência em grupo auxilia no desenvolvimento da solidariedade e do respeito; (d) a vergonha pode ser diluída quando encontram outros participantes do grupo com a mesma problemática (CASTELLAR, 1987). Castellar pontua que, casos de crises psicóticas, doenças orgânicas graves e a rejeição do adolescente a terapia grupal são situações que restringem a participação em grupo.

Corroborando com o pensamento de Zimerman sobre grupoterapias e relacionando estes ao período da adolescência, Cruz (2018) considera que as grupoterapias analíticas fornecem novas matrizes relacionais. Conforme o autor, nos grupos os adolescentes podem se reconhecer uns nos outros e neles próprios os mesmos sentimentos, as mesmas experiências, as mesmas dificuldades, bem como visualizam outras possibilidades e alternativas para lidarem perante as situações vividas.

Zimerman (1993), também traz importantes reflexões sobre a relevância do trabalho com grupos de adolescentes falando sobre o olhar do terapeuta para as comunicações não verbais dos actings. Diante do sentimento de desamparo vivenciado, um dos sintomas corriqueiramente visualizados na conduta das



adolescentes é a autolesão. Quando compartilhado no grupo, a partir das reflexões construídas no campo grupal e do compartilhamento de experiências, abre-se caminho para a construção de novas formas de lidar com os sentimentos, especialmente através da palavra, como também do desenho, da música e de outras formas lúdicas de expressão. O ambiente acolhedor proporcionado pelo grupo funciona como um continente onde as angústias e sofrimentos podem ser vivenciados e sentidos e então colocados em palavras.

Para Zimerman (1993) o grupo com adolescentes estabelece três possibilidades:

Uma consiste em desfazer a ação ansiogênica das fantasias inconscientes, através das interpretações. A outra consiste em proporcionar uma livre manifestação dos sentimentos e ações, com a ressalva, é claro de que elas serão bem contidas pelo terapeuta, que não sucumbirá, sem revidará. A terceira possibilidade é a de que o grupo proporcione uma socialização entre jovens e pacientes, com liberdade para o exercício da criatividade, tanto no plano imaginário, como no do simbólico, assim como o da transição entre estes dois planos (ZIMERMAN, 1993, p. 159).

As importantes pontuações de Zimerman (1993) sobre o trabalho com grupos de adolescentes nos remetem à reflexão do papel da transferência e na possibilidade de o terapeuta fornecer um novo modelo de identificação aos participantes do grupo. Diante da escuta dos adolescentes e da postura acolhedora, os adolescentes podem ter o trauma vivido reconhecido e validado por seus pares e também pela figura do terapeuta. Nessa relação, muitas vezes, se encontra o acolhimento não encontrado nas figuras familiares que deveriam exercer o papel protetivo.

Costumeiramente se observa posturas familiares de negação do abuso, que como pontuado anteriormente, trata-se do segundo tempo do trauma descrito por Ferenzi (1992). Desta forma, o grupo pode ser um espaço onde no “aqui e agora” da transferência grupal, os participantes vivenciem uma experiência transformadora criando outras representações, fortalecendo a capacidade de confiar no outro e em si mesmas.

Neste íterim Silva e Teixeira (2017, p. 100) trazem uma bela ilustração sobre o atendimento do traumático e do papel do terapeuta.

[...] a clínica do trauma ou do abuso sexual está situada no campo da delicadeza, exigindo do terapeuta uma disponibilidade afetiva, num exercício de afetação mútua e sensibilidade clínica de saber o que, quando e como se deve comunicar algo, e que a comunicação é mais abrangente do que o conteúdo das falas. Na escuta de adolescentes abusadas sexualmente, é necessário abster-se de qualquer furor - normativo e/ou curativo - para estar com a pessoa em sua singularidade.

## Conclusão

A adolescência como período de desenvolvimento humano requer um importante trabalho psíquico para lidar com lutos e angústias próprias da fase. Quando da ocorrência de violência na vida da criança ou adolescente, essa pode ser vivida como algo traumático, diante da sua repercussão no psiquismo. Este artigo buscou compreender a partir do estudo de alguns importantes teóricos da psicanálise o lugar do traumático no psiquismo e de que forma o trabalho com grupos pode ser um caminho para o acolhimento e escuta de adolescentes vítimas de violência sexual.

Ao realizar o mapeamento de artigos sobre a temática, foi possível observar a escassez de trabalhos que utilizam como referencial a psicanálise e abordam a temática de grupos no serviço CREAS, prevalecendo estudos na abordagem cognitivo-comportamental. Essa observação ressalta a importância deste estudo para a compreensão do tema e ainda como possibilidade de abertura e discussão sobre a aplicação da psicanálise em contextos diferentes da clínica. Para a ampliação das reflexões apresentadas neste artigo sugerimos estudos acerca de relatos práticos de grupos desenvolvidos pela pesquisadora no serviço CREAS, utilizando a riqueza e a complexidade da experiência prática para a construção de novas e diferentes reflexões sobre o tema.

Concluimos este trabalho pontuando a importância da escuta do abuso, que como salientado por diferentes autores citados no decorrer do texto, deve ser acolhedora e continente, sem grandes ansiedades e demandas do terapeuta em torno do apaziguamento dos conflitos ou da angústia do adolescente, em prol de atender as demandas sociais e muitas vezes familiares. Essa tarefa exige do terapeuta mais do que um cuidado com suas intervenções verbais, exige uma postura empática e ativa. Nas supervisões do trabalho de grupos desenvolvido no serviço CREAS, costumeiramente o orientador pontua a importância do “colo” para que o sujeito possa chorar e expressar seus sentimentos; e entendemos que o grupo com adolescentes vítimas de abuso fornece esse “colo” que pode ser transformador e possibilitar outros caminhos para o trauma no psiquismo.

#### Referências

AGUIAR, Tania Margareth Bancalero. O discurso (psico) pedagógico sobre a adolescência: análise dos impasses docentes provocados pela teorização da adolescência. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em:

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-31052007-104141>. Acesso em: 27/07/2013.

BASSOLS, Ana Margareth Siqueira; BERGMANN, David Simon; FALCETO; Olga Garcia; MARDINI, Victor. A visão do psiquiatra de crianças e adolescentes na avaliação e no atendimento de crianças abusadas sexualmente. In: AZAMBUJA; Maria Regina Fay de; FERREIRA, Maria Helena Mariante e cols. Violência sexual contra crianças e adolescentes. Artmed, 2011.

BRASIL. Secretaria Nacional de Assistência Social. Orientações Técnicas: centro de referência especializado de assistência social. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome - MDS. Brasília, 2011.

CONSELHO MUNICIPAL DOS DIREITOS DAS CRIANÇAS E DOS ADOLESCENTES. Plano Decenal dos direitos humanos da criança e do adolescente do município de Chapecó/SC. 2017- 2026.

CONTINI, Maria de Lourdes J. (Coord.). Adolescência e Psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia, 2002.

CRUZ, Patricia Maria Ferreira Amaral da. Impacto da tecnologia em grupanálise com crianças e adolescentes. In: Vínculo – Revista do NESME, 2018, v. 15, n. 2.

FERENZI, S. Confusão de língua entre os adultos e a criança. In: FERENZI, S. (CABRAL, A. trad.) Psicanálise IV, São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FURTADO, Heloisa Maria Rodrigues; MARQUES, Nadia Maria. Psicoterapia Breve de orientação psicanalítica na infância e adolescência. CASTRO, Maria da Graça Kern; STURMER, Anie. Crianças e adolescentes em psicoterapia: a abordagem psicanalítica. Porto Alegre: Artmed, 2009.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. Vocabulário de psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MALDONADO, Gabriela; CARDOSO, Marta Rezende. O trauma psíquico e o paradoxo das narrativas impossíveis, mas necessárias. In: Psic. Clin, Rio de Janeiro, vol. 21, n 1, p. 45-57

MATOS, Laydiane Pereira de; LEMGRUBER, Karla Priscilla. A adolescência sob a ótica psicanalítica: sobre o luto adolescente e de seus pais. In: Revista Psicologia e Saúde em debate, jan. 2017: 2(2): 124-145.

MORETTO, Cybele Carolina. Experiências com um grupo de adolescentes: um estudo psicanalítico. Campinas: PUC Campinas, 2012.

OUTEIRAL, José. Adolescer: estudos revisados sobre adolescência. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

- CASTELLAR, Carlos. Gruposoterapia com adolescentes. PY, Luiz Alberto (org.). Grupo sobre Grupo. Editora Rocco: Rio de Janeiro, 1987.
- ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática x revisão narrativa. In: Acta Paul Enfem. 2007, 20 (2) v.
- SANTOS, Nair Iracema Silveira dos; BARONE, Luciana Rodriguez. Uma pesquisa-intervenção em análise: militância, sobre implicação ou ato político? In: MACHADO, Adriana Marcondes. Novos possíveis no encontro da Psicologia com a Educação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 67- 86.
- SILVA, Roberta Araujo; TEIXEIRA, Leonia Cavalcante. Adolescência e o traumático: sobre abuso sexual e as vicissitudes do sujeito. In: Revista Subjetividades, 17 (3), p. 93-103, dez., 2017.
- WASELFISZ, Julio Jacobo. Violência Letal contra as crianças e adolescentes do Brasil. Relatório de pesquisa – Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso), 2015.
- ZIMERMAN, David E. Fundamentos Básicos das Gruposoterapias. Editora Artes Medicas: Porto Alegre, 1993.
- ZIMERMAN, David E. Bion da teoria à prática. 2ª ed. Editora Artes Medicas: Porto Alegre, 2004.